

Brevemente

PANDA BEAR

24 ABR 2019
QUA 21:00
Grande Auditório
M/6

THE NECKS

16 MAI 2019
QUI 21:00
Grande Auditório
M/6

Culturgest

BUOYS

Música x

Música x

The job of tying up some loose ends, trying to work out what the future holds in store, provided us with some truly pleasurable moments in 2018. The few concert appearances that the Sensible Soccers made last year meant that something was being cooked up, arousing our curiosity and demanding our future attention. Especially because, throughout 2018, certain rumours kept coming out of Vila do Conde, bringing with them news that might lead us to suppose that changes were taking place in the band's line-up. Which did, in fact, happen, without, however, compromising the aspirations of Sensible Soccers as a group. In view of the changes, they decided to embark on a new phase, accepting these alterations to their creative force and readily facing up to the challenge of finding a different formation. This was the background against which Hugo Gomes and Manuel Justo invited André Simão to join them in taking over the helm, recruiting musicians to collaborate with them in expanding their ideas. And there were lots of ideas, so many that they catapulted the Sensible Soccers into returning much more quickly than we expected, with a new album that honours their glorious past filled with their distinctive viral groove and sublime environmental aesthetics, while, at the same time, promising a whole new life for the band.

BAIXO, DRUMPAD
André Simão
TECLADOS,
PROGRAMAÇÕES
Hugo Gomes
PERCUSSÕES
Jorge Carvalho
TECLADOS
Manuel Justo
TECLADO, SINTETIZADOR
Sérgio Freitas

APOIO

ANTENA 3

© João Pedro Almeida

Música x

SENSIBLE SOCCERS

AURORA



03 ABR 2019
QUA 21:00
Grande Auditório
M/6

89-91-93

Há uma nova aurora nos Sensible Soccers... Que novas coisas despontaram e quiseram mostrar?

Todas as que surgiram durante o último ano e meio, destacando talvez a introdução das percussões, o uso de outros instrumentos como a flauta e o clarinete (sintetizados) e, sobretudo, o papel do baixo que se tornou numa personagem principal com um som incomum e uma abordagem que nos parece nova. Há também novidades tímbricas e rítmicas e uma sensação de leveza nas composições. Queremos muito mostrar as novas personagens da banda, o Jorge “Cientista” Carvalho e o Sérgio Freitas.

E que coisas quiseram manter?

O nosso lado adocicado, imprevisível e emocional. A nossa identidade.

A saída do Filipe Azevedo obrigou a um som diferente – há um autor e uma guitarra que saíram. Mas o vosso ADN continua intacto e identificável. Onde guardam esse genoma Sensible Soccers? Guardamos numa caixa de sapatos debaixo da cama.

Um genoma guardado numa caixa que nem uma produção externa – e inesperada – transformou. O que trouxe o B Fachada para o estúdio para vos satisfazer a escolha dele como produtor?

A sua inteligência, o seu método e o seu imenso talento.

Que disco do B Fachada facilitou este convite? Provavelmente todos.

Chegaram a um ponto em que já têm três fases distintas – avaliando os álbuns como marcos importantes da carreira. Um concerto serve também para contar essa história?

Esta é, na verdade, a quarta fase da banda. A primeira vai de 2010 a 2014: começa com o primeiro EP e acaba no *Sofrendo por você*. A segunda é a do *8* e a terceira começa com a saída do Emanuel, o *Villa Soledade* e a entrada do André Simão. Os concertos servem apenas para contar parte da história, são uma espécie de ponta do icebergue.

Como é que pensam um concerto nesses termos, quando a prioridade é mostrar as novidades? Pensamos no concerto fase a fase, como um todo que tem que ser mesmo bom e prazeroso para quem vê e para quem toca. Tentamos passar por todas as fases da banda mantendo os temas que se ajustam ao alinhamento e que ajudam a contar parte da nossa história.

A transposição do som Sensible Soccers para palco nem sempre foi fácil – embora tenha sido sempre bem executada. A inclusão de mais músicos – são cinco em palco – serve para facilitar essa tradução?

É o reflexo natural de termos trazido o Sérgio e o Jorge para a fase final do processo de composição. O universo da banda enriqueceu e complexificou-se. Temos trabalhado muito em torno da ideia de tornar cada vez mais Sensible Soccers numa banda *live*, espontânea.

Havendo mais músicos, e sendo *Aurora* um novo arranque, que começa agora a ser rodado ao vivo, já sentiram mais pistas para um futuro caminho? Outros sinais de outros sítios para onde possam caminhar?

Vários. Temo-nos esforçado por não pensar demasiado neles, porque a vontade de os explorar é muita. Nesta fase concentramo-nos em encontrar o melhor lado do *Aurora* ao vivo.

Dizem que este *Aurora* é um passeio saudosista, meio juvenil, onde tudo parece glamoroso quando recordado. Em contraponto a *Villa Soledade*, que era mais negativo, sobre o presente. Parece-me ter sido necessário serem otimistas para recomeçarem um projeto como o vosso. Mas já *8* era muito sobre uma memória sonora com peso *vintage*. Concordam?

No *8* pairava a ideia de homenagem. Talvez por ser o primeiro, tínhamos uma ideia musical relativamente mal resolvida e uma história para contar com demasiadas pontas soltas. A ideia de ser um disco de tributo a algumas personagens ajudou-nos a fechar algumas dessas pontas, sobretudo a forma de o comunicar. Foi também uma fase em que surgiu um ligeiro afastamento do vocabulário futebolístico/musical que predominava até então, sendo substituído por uma comunicação mais neutra e talvez mais fechada. Queríamos sobretudo que as músicas fossem ouvidas e que não existissem focos de distração. De resto,

a maior parte do nosso trabalho acaba por incidir sobre a memória e sobre o quão absurdas podem ser essas memórias, mesmo as musicais.

O tempo – passado ou presente – é sempre inspirador para vocês? Ou é mais um ponto de chegada?

Ambos. Gostamos de evocar, de jogar com referências. E isso atravessa o processo criativo com muita intencionalidade, da primeira ideia à forma final das músicas.

Que discos poderão colocar nessa lista de recordações que fizeram? Cada um terá a sua lista. Provavelmente resumidas, no caso do Simão, no *Now 89*, no do Né, no *Hit Parade 91*, e no do Hugo, no *Fido Dido 93*.

E que tipo de futuro (otimista ou pessimista) vos inspiraria?

Um futuro largo, respirado, progressivo, cheio do canto de pássaros variados e regatos correndo livres.

Entrevista de Pedro Santos, programador de música da Culturgest, aos Sensible Soccers

